

## **“A vida escapa pelos dedos e pelos medos”: A construção/desconstrução discursiva de papéis sociais femininos na série televisiva *Os Experientes*<sup>1</sup>**

Maria Cristina Palma MUNGIOLI<sup>2</sup>  
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Sílvia Góis DANTAS<sup>3</sup>  
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### **Resumo**

O presente artigo discute, a partir da análise dos processos de discursivização regidos pela figurativização e tematização, a construção/desconstrução dos papéis sociais da mulher e da velhice feminina na atualidade, tendo como base os discursos da personagem Francisca na série televisiva *Os Experientes* (Globo, 2015). A análise recorre ao ferramental teórico e metodológico da teoria semiótica narrativa greimasiana, empregando como base os estudos de Barros (2011) e Fiorin (1996, 2007, 2011). Procuramos situar a discussão sobre o envelhecimento da população e a “feminização” da velhice (MOREIRA, 1998; SALGADO, 2002), além de abordar esses temas como parte integrante de profundo e complexo processo de transformação da identidade e da intimidade (GIDDENS, 1993, 2002) em curso na sociedade e diante do qual a ficção televisiva brasileira vem se mostrando atenta.

**Palavras-chave:** Ficção seriada televisiva; gênero; velhice; série brasileira; *Os Experientes*.

### **Introdução**

Caracterizada por sua forte relação com o cotidiano e, portanto, com as alegrias, inquietações e problemas que falam de perto aos brasileiros, a ficção televisiva nacional, sobretudo as telenovelas, mas também as séries e minisséries, nos últimos anos, vêm apresentando um protagonismo maior de personagens idosas<sup>4</sup> em suas tramas. Destacamos entre essas personagens sobretudo as do gênero feminino, muitas vezes septugenárias ou octogenárias, que, fugindo ao lugar comum do universo ficcional tradicional designado a essas personagens como tias ou avós donas de casa – geralmente de características assexuadas –, vêm assumindo, cada vez mais, um protagonismo que procura mostrar a complexidade das relações humanas, amorosas, profissionais e de gênero que permeiam a sociedade atual. É a partir desse quadro que o presente artigo pretende discutir as transformações da protagonista do episódio *Folhas de Outono* da série *Os Experientes* (Globo, 2015).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada no XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora doutora da ECA-USP, pesquisadora do Centro de Estudos de Telenovela (CETVN) e do Observatório Ibero-Americano de Ficção Televisiva (OBITEL). E-mail: crismungioli@usp.br

<sup>3</sup> Doutoranda em Ciências da Comunicação pela USP, pesquisadora do Centro de Estudos de Telenovela (CETVN) e do Observatório Ibero-Americano de Ficção Televisiva (OBITEL). Bolsista Capes. E-mail: silviagdantas@gmail.com

<sup>4</sup> Consideramos a definição de idoso explicitada no Estatuto do Idoso (Lei 10.741), que assim denomina a pessoa a partir de 60 anos de idade, limite também adotado pelo IBGE. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.741.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm), acesso em 10/07/2015.

Sem a pretensão de realizar um levantamento exaustivo, mas apenas de elencar algumas produções ficcionais apresentadas nas faixas das 21 horas e das 23 horas na Globo que se caracterizaram recentemente por um tratamento diferenciado com relação ao protagonismo de personagens idosas do gênero feminino, observamos, nos últimos anos<sup>5</sup> a presença mais frequente de personagens acima dos 60 anos cujo arco dramático se caracteriza não apenas pelo estereótipo de mãe, avó ou tia como dona de casa.

Nesse sentido, cabe salientar a minissérie *Cinquentinha* (Globo, 2009)<sup>6</sup> que apresentou três mulheres maduras independentes amorosa e profissionalmente que tinham como desafio administrar os bens do ex-marido falecido havia pouco tempo. O plot da trama girava em torno dos relacionamentos amorosos e afetivos que as três mulheres administravam de maneira independente sem a interferência da família. *Spin off* de *Cinquentinha*, a série *Lara com Z* (Globo, 2011)<sup>7</sup> destacava a vida da atriz Lara (Susana Vieira), ressaltando também sua independência amorosa e profissional. Embora não se tratasse de protagonista da telenovela *Passione* (Globo, 2010-2011),<sup>8</sup> o núcleo de personagens da terceira idade, quase todos octogenários, formado por Antero (Leonardo Villar), Bete Gouveia (Fernanda Montenegro), Diógenes (Elias Gleizer), Benedetto (Emiliano Queiroz) e Brígida (Cleyde Yáconis), também se destacou. Esta, depois de encontros secretos com o motorista Diógenes enquanto ainda era casada com o segundo marido Antero, se envolve com Benedetto; e Brígida, Benedetto e Diógenes terminam juntos em uma espécie de *ménage à trois*. Em outros núcleos também foram focalizadas personagens mais velhas, como Clô Souza e Silva (Irene Ravache), Olavo da Silva (Francisco Cuoco) e Fortunato (Flávio Migliacio), entre outras.

Em 2012, outro destaque foi o especial de fim de ano *Doce de Mãe* (Globo, 2012)<sup>9</sup> protagonizado por Fernanda Montenegro vivendo a octogenária Picucha, papel que lhe

---

<sup>5</sup> Agradecemos a Lucas Martins Néia, auxiliar técnico do Centro de Estudos de Telenovela (CETVN) e bolsista CNPq, a colaboração no levantamento de informações sobre telenovelas e séries abordadas neste artigo.

<sup>6</sup> Com direção de Wolf Maya e texto de Aguinaldo Silva e Maria Elisa Berredo, a minissérie teve oito episódios e foi levada ao ar de 08 a 18/12/2009 no horário das 23h.

<sup>7</sup> Originada de *Cinquentinha* e também de Aguinaldo Silva e Maria Elisa Berredo, a série *Lara com Z* teve 14 episódios exibidos de 07/04 a 07/07/2011 e foi dirigida por Wolf Maya.

<sup>8</sup> Novela de Silvio de Abreu, com colaboração de Sérgio Marques, Vinicius Vianna, Daniel Ortiz, teve 209 capítulos e foi exibida de 17/05/2010 a 14/01/2011 no horário das 21h com direção de Natalia Grimberg, Allan Fiterman e André Câmara.

<sup>9</sup> Roteiro de Ana Luiza Azevedo, Jorge Furtado e Miguel da Costa Franco. Direção de Ana Luiza Azevedo e Jorge Furtado. O especial de fim de ano foi ao ar em 27/12/2012.

valeu o *Emmy International Awards* na categoria Melhor Atriz. A bem-sucedida produção unitária tornou-se série com o mesmo nome exibida em 2014.<sup>10</sup>

Atualmente, a principal telenovela da Globo, *Babilônia* (2015)<sup>11</sup>, vem causando repercussão ao abordar a homossexualidade feminina na terceira idade com as personagens Estela (Nathália Timberg) e Teresa (Fernanda Montenegro). Fora do contexto brasileiro, mas também se configurando como um exemplo da discussão em torno do papel feminino na terceira idade para além do casamento, a série *Grace and Frankie* (Netflix, 2015) traz as atrizes consagradas Jane Fonda e Lily Tomlin como protagonistas que têm de se reinventar como mulheres, superando os papéis de esposas e donas de casa, após o fim de um casamento de 40 anos. O ponto de virada em suas vidas ocorre quando os respectivos maridos, também sócios e amigos, declaram-se gays e apaixonados um pelo outro, destruindo a estabilidade e a paz familiar até então inabaláveis.

Voltando ao cenário das produções nacionais tendo o cotidiano da velhice como ponto de partida, apresentamos o objeto de nosso texto: a série *Os Experientes*. Podendo ser classificada como uma série de antologia, ou seja, com trama e personagens distintos a cada episódio, a coprodução da Globo e O2 Filmes foi exibida na Globo no horário das 23 horas em quatro episódios – de 10/04 a 01/05/2015 (às sextas-feiras) – com roteiro assinado por Márcio Alemão e Antônio Prata; e direção de Gisele Barroco, Fernando Meirelles e Quico Meirelles. Segundo este último, em entrevista para o Gshow, a ideia da série surgiu a partir do desejo de mostrar as possibilidades dessa fase da vida.

Estávamos em uma onda de desenvolver ideias para séries. Pensando no assunto, me ocorreu que quase não temos programas sobre a terceira idade e com atores mais velhos. [...] A principal mensagem é de que envelhecer tem um lado positivo, que nunca é tarde para as coisas, sempre é possível se reinventar. Nunca é tarde para mudar o jeito que você é ou se emocionar de um jeito diferente. (SANTOS, 2015, online)

Assim, de maneira resumida, o presente artigo se propõe a discutir com base nos processos de discursivização regidos pela figurativização e tematização a construção/desconstrução dos papéis sociais da mulher e da velhice feminina na atualidade, tendo como base os discursos da personagem Francisca na série televisiva *Os Experientes* (Globo, 2015). A análise recorre ao ferramental teórico e metodológico da teoria semiótica do texto de Greimas, empregando como base os estudos de Barros (2011) e Fiorin (1996,

---

<sup>10</sup> Também nesse ano, em 12/12/2014, a Record exibiu no telefilme *Manual Prático da Melhor Idade*, com texto de Renê Belmonte e direção de Adolfo Rosenthal, no qual um asilo de idosos foi o cenário para o encontro de quatro mulheres no telefilme *Manual Prático da Melhor Idade*.

<sup>11</sup> De Gilberto Braga, Ricardo Linhares e João Ximenes Braga, *Babilônia* estreou em 16/03/2015 com direção de Denis Carvalho.

2007, 2011). Procuramos situar a discussão sobre o envelhecimento da população e a “feminização” da velhice (MOREIRA 1998; SALGADO, 2002), além de abordar esses temas como parte integrante do profundo e complexo processo de transformação da identidade e da intimidade (GIDDENS, 1993, 2002) em curso na sociedade e diante do qual a ficção televisiva brasileira vem se mostrando atenta.

### **1. Transformações nas formas de amar: do amor romântico ao amor confluyente**

Nas palavras do diretor Quico Meirelles, podemos entrever pontos que nos levam a considerar as discussões em torno das identidades de gênero que não se restringem à terceira idade, mas que também para ela confluem enquanto características da construção social do ser humano na atualidade. Giddens (1993, 2002) discute como ponto de inflexão das transformações da intimidade e da identidade o protagonismo feminino ocorrido depois da Segunda Guerra Mundial e mais marcadamente com o advento da pílula anticoncepcional. Entre os aspectos destacados pelo sociólogo, surge a transformação do amor romântico tão característico da literatura e dos produtos da indústria cultural veiculados na televisão e no cinema. Um dos grandes pilares do melodrama, e, portanto, das telenovelas e da ficção televisiva em geral, o amor romântico ancora-se na procura da alma gêmea e na perenidade do sentimento amoroso, sendo seu objetivo final o encontro do masculino que possa validar a autoidentidade feminina.

Tal configuração simbólica sofre, de acordo com Giddens (1993, 2002), grande transformação com as lutas de movimentos feministas identificados com os ideais de emancipação, levando as mulheres à busca e à construção de relacionamentos ancorados na igualdade de gêneros, questionando os ideais de subordinação ao gênero masculino e lutando contra a hegemonia masculina amparada em amplo sistema legal. É nesse contexto que Giddens (1993) vê o surgimento da “sexualidade plástica”, ou seja, a sexualidade dissociada das necessidades de reprodução e dos ideais do casamento tradicional e que passa a se constituir como eixo dos relacionamentos amorosos, sejam eles heterossexuais ou homossexuais. Essa nova configuração proporciona o “relacionamento puro”, que se configura no amor confluyente, ou seja, uma relação que “só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem”. (GIDDENS, 1993, p. 69).

Vale ainda ressaltar que a ficção televisiva, sobretudo as telenovelas, apresenta-se como um dos principais palcos das discussões sobre os mais diversos aspectos da sociedade brasileira tal como tem sido estudado por diversos pesquisadores do gênero. Lopes (2009,

p. 29) destaca a importância das telenovelas na construção de uma narrativa da nação e também como espaço importante no tratamento de temas candentes da sociedade brasileira com enfoque “crescentemente informativo, antidogmático e a favor da tolerância e do respeito às minorias”. Mais estritamente, falando em termos de relações amorosas na sociedade brasileira, Del Priore (2005) afirma a importância da televisão a partir da década de 1960 no debate sobre o assunto, mostrando novas configurações de relacionamentos.

## **2. A feminilização da velhice**

Em paralelo com as transformações na intimidade e nas relações de gênero, cabe destacar que desde 1970, quando Simone de Beauvoir denunciava a conspiração do silêncio que sufocava a velhice, o cenário se modificou. Segundo Debert (2012), foi a partir dessa década, sobretudo, que os estudos sobre envelhecimento começaram a se desenvolver. Hoje falar sobre o envelhecimento da população, diante da diminuição das taxas de natalidade e de aumento da longevidade, já se tornou comum. Trata-se de um fenômeno mundial – e também brasileiro – diagnosticado por diversos censos e projeções.

Os dados projetados pela Organização das Nações Unidas revelam que a proporção de pessoas com 60 anos ou mais em todo o mundo irá duplicar nas próximas décadas, devendo alcançar a marca de dois bilhões até 2050. Dentre os idosos, a faixa populacional que mais cresce é aquela que compreende os indivíduos acima de 80 anos. (CASTRO, 2015, p. 2)

Considerado até recentemente um país jovem, o Brasil hoje apresenta mudanças significativas na composição etária da sua população. A pirâmide demográfica, antes concentrada principalmente numa expressiva base – marcada pelas crianças – começa a se alterar de forma paulatina e constante. Segundo os mais recentes indicadores do IBGE a tendência de envelhecimento da estrutura na pirâmide etária brasileira está se mantendo (IBGE, 2014). Embora ainda haja preponderância das faixas de 10-19 e de 30-39 anos, o envelhecimento gradual da população torna central para os estudiosos de Comunicação e da ficção televisiva, em particular, a questão social do envelhecimento e da construção da imagem do idoso pela mídia. Esses números e a consequência social por eles produzida fazem a questão do envelhecimento emergir fortemente.

A preocupação recente com o envelhecimento e com a melhoria da qualidade de vida dos mais velhos na sociedade brasileira muda não apenas a sensibilidade investida na velhice, mas é também traduzida em um conjunto de práticas concretas inesperadas no script dos papéis femininos e masculinos na velhice que consideramos próprios da nossa sociedade. (DEBERT, 2012, p. 143)

A população de idosos no Brasil (pessoas com mais de 60 anos) é composta majoritariamente por mulheres: 55,5% contra 44,5% de homens (IBGE, 2014). Os números

evidenciam o fenômeno da “feminização da velhice” destacado por Moreira (1998, p. 88), ao explicar que “é muito maior o número de mulheres que sobrevivem até atingir o limiar inferior do grupo etário idoso e, uma vez fazendo parte dele, nele permanecem por muito mais tempo do que os homens”. Salgado (2002) também reforça que “o fato mais significativo e simples sobre a velhice é que a população idosa é predominantemente feminina” (p.9).

Se há mais idosas do que idosos, torna-se relevante refletir sobre a noção de gênero, categoria que atribui significado às relações de poder entre os sexos e deve ser compreendida enquanto construção social, ou seja, uma “criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres” (SCOTT, 1995, p.75). No mesmo sentido, Hernández García (2006) destaca que:

A dimensão política do gênero desvela as relações desiguais dos gêneros que atravessam todas as esferas da vida social, moldando, determinando e construindo possibilidades assimétricas e hierárquicas quanto ao acesso aos recursos materiais e simbólicos, ao desenvolvimento econômico, à cultura e à própria vida, relação na qual as mulheres são as menos favorecidas. (p. 9)

Nesse cenário, Debbert (2012) salienta as distintas formas como homens e mulheres se relacionam com a velhice e registra, com base nos depoimentos colhidos, como os novos papéis sociais surgidos a partir da aposentadoria e/ou da chegada dos 60 anos também se redefinem. As mulheres veem na velhice a possibilidade de maior liberdade, ao criar as próprias regras e ter mais independência, em contraste principalmente com a obrigação de realização de tarefas domésticas tão associadas ao feminino no Brasil. Já os homens situam-se em posição diametralmente opostas: “nenhum dos entrevistados considerou que poderia estar vivendo uma experiência privilegiada em relação às outras etapas da vida, mesmo quando avaliava que seu poder aquisitivo era maior do que antes” (DEBERT, 2012, p.186).

Longe de buscar generalizações, a pesquisa indica pistas de modos diferentes de encarar a velhice a partir da mudança de papéis. Os homens entrevistados pela autora fazem referências melancólicas à velhice do passado, quando os pais e avôs eram respeitados. Já as mulheres, apesar da condição de dupla vulnerabilidade (como mulher e idosa) identificada por alguns autores (SALGADO, 2002, p.13; DEBERT, 2012, p.140), tendem a perceber na velhice saudável um novo momento de descobertas e emancipação, principalmente para aquelas que foram criadas sem perspectivas de estudos e carreira e dedicaram-se ao casamento, filhos e tarefas do lar, ficando restritas a uma vida com papéis claramente definidos: “no mundo contemporâneo, a conquista da liberdade feminina é, para

elas, um fato irreversível e redefine o que é envelhecer. Pela primeira vez é aberto um espaço para as mulheres de mais idade criarem novas regras e estilos de vida.” (DEBERT, 2012, p. 185)

Em comum entre o masculino e o feminino, está a negação da velhice – velho é sempre o outro. Seja qual for a idade, os idosos não se definem como velhos. Exemplar nesse sentido é a situação de muitos deles não aceitarem ficar na fila de idosos ou sentar nos assentos a ele destinados nos transportes públicos, como se rejeitassem o papel de velho. Também Barros (2006) mostra como estereótipos contaminam o conceito da velhice, fazendo com que ela seja negada.

A velhice, como estigma, não está necessariamente ligada à idade cronológica. Os traços estigmatizadores da velhice evidenciados na literatura analisada ligam-se a valores e conceitos depreciativos: a feiúra, a doença, a desesperança, a solidão, o fim da vida, a morte, a tristeza, a inatividade, a pobreza, a falta de consciência de si e do mundo. (BARROS, 2006, p.139)

Por essa razão, “velho” não se torna uma categoria de autoidentificação, “o velho é sempre um outro e a velhice, um drama de todos em qualquer idade, porque todos ficarão velhos um dia.” (DEBERT, 2012, p. 229).

### **3. O discurso da terceira idade**

Para investigar a construção discursiva da velhice feminina, consideramos o cenário social de novos indicadores etários. A isso se soma o entendimento de gênero como construção social e também a ideia da velhice como algo não desejado, compactado na expressão “velho é o outro”.

Associado sobretudo a formações discursivas que se estruturam sobre estereótipos pejorativos, o idoso configura-se um interlocutor de grande complexidade. Como falar dele e com ele? Como se comunicar com alguém que não se identifica com as imagens e discursos a ele associados? Nesse contexto, surgem novos enunciados que buscam definir essa fase da vida, algo que só acontece de fato quando se amplia o poder – econômico, social e cultural – dessas pessoas. Como explica Debert (2010), a terceira idade é uma criação recente, surgida para denominar um período entre a idade adulta, a partir do crescimento desse público também como mercado consumidor de bens e produtos. Surgem, assim, enunciados que marcam a construção de sentidos positivos em contraposição aos reiteradamente negativos que caracterizam historicamente os idosos na sociedade ocidental:

[...] a terceira idade substitui a velhice; a aposentadoria ativa se opõe à aposentadoria; o asilo passa a ser chamado de centro residencial, o assistente social, de animador social e a ajuda social ganha o nome de gerontologia. Os signos do envelhecimento são invertidos e assumem novas designações: “nova juventude”,

“idade do lazer”. Da mesma forma, invertem-se os signos da aposentadoria, que deixa de ser um momento de descanso e recolhimento para tornar-se um período de atividade e lazer. (DEBERT, 2010, p.56-57)

Além da “nova juventude” e da “idade do lazer”, podemos citar ainda a expressão “melhor idade”, utilizada prioritariamente com fins mercadológicos e bastante recorrente em comerciais de televisão que oferecem, por exemplo, pacotes turísticos, conforme o entendimento de que viajar seria um ótimo divertimento para esse público, de acordo com as novas exigências de “atividade e lazer” trazidas por essa fase. Como complementa Debert (2012), “mais do que definir a última etapa da vida, trata-se de impor estilos de vida, criando uma série de regras de comportamento e de consumo de bens específicos, que indicam como aqueles que não se sentem velhos devem proceder”. (p. 213)

Tendo a promessa da eterna juventude como subtexto, as novas imagens do envelhecimento parecem buscar adaptar-se a “um contexto marcado por mudanças culturais que redefinem a intimidade e a construção das identidades” (DEBERT, 2012, p. 226). Assim, a velhice é identificada pela liberdade, sem obrigações de trabalho e cuidado/manutenção de filhos e parentes, em que os idosos poderiam aproveitar a vida dedicando-se ao que gostariam.

A transformação da velhice em segmento de consumo, a construção discursiva do ideário ageless e da juventude como valor articulam as formas de discriminação com base no preconceito etário. Ao contrário de outras formas de discriminação já mais amplamente combatidas, o idadismo (ageism) é um preconceito amplamente disseminado embora ainda pouco discutido nas ciências sociais, notadamente no campo da Comunicação. (CASTRO, 2015, p.4)

Também nas produções ficcionais, como nas telenovelas, Debert (2012) identifica esse culto à juventude e à atividade como forma de se manter em movimento a fim de fugir da própria passagem do tempo e das suas consequências, porém, ao mesmo tempo destaca mudanças que vêm ocorrendo nesse segmento de ficção.

A expressão do abandono e da solidão nas novelas tem certamente nos velhos um elemento forte, mas eles agora são também apresentados como ativos, capazes de oferecer respostas criativas ao conjunto de mudanças sociais, reciclando identidades anteriores, desenvolvendo novas formas de sociabilidade e de lazer e redefinindo as relações com a família e os parentes. (DEBERT, 2012, p. 218)

Exibida em abril e maio de 2015 na TV Globo, a série *Os Experientes* teve quatro episódios: o primeiro mostrou Yolanda (Beatriz Segall) como refém de um assalto a banco. Na semana seguinte, “Atravessadores do samba” trazia o grupo de septuagenários formado por Oswaldo (Goulart de Andrade), Mateus (Wilson das Neves) e Amaro (Zé Maria), tentando recomeçar após a morte de um dos membros – Lucas Pereira (Germano Mathias). A terceira trama trouxe a história de Napoleão Roberto (Juca de Oliveira), que recebe o



diagnóstico de uma doença terminal e, por ter pouco tempo de vida, tenta se reaproximar de seu filho Luiz (Dan Stulbach), contando ainda com a participação de Othon Bastos como o advogado Del Bello e Lima Duarte como o Doutor Pricolli. Por fim, o episódio que é objeto de discussão neste artigo, a história de Francisca (Selma Egrei) cujo detalhamento será feito mais adiante.

#### **4. Semântica discursiva: tematização e figurativização**

Buscando observar como a série televisiva *Os Experimentes* constrói discursivamente o tema da velhice, utilizamos o ferramental teórico e metodológico da teoria semiótica do texto advinda de Greimas. Mais especificamente, valemo-nos da Semântica Discursiva tendo como base os estudos de Barros (2011) e Fiorin (1996, 2007, 2011).

A semântica discursiva, de acordo com Barros (2011), situa-se no nível narrativo do Percurso de Significação, isto é, acima dos níveis fundamental e narrativo. Segundo a autora, nessa fase acontece um importante recurso para conferir significação e isotopia: “o sujeito da enunciação assegura, graças aos percursos temáticos e figurativos, a coerência semântica do discurso e cria, com a concretização figurativa do conteúdo, efeitos de sentido sobretudo de realidade”. (BARROS, 2011, p.68)

Neste artigo, interessa-nos, sobretudo, discutir como a tematização e figurativização da velhice ocorrem na série *Os Experimentes*, já que são os dois níveis de concretização do sentido ligados à oposição abstração/concretude (FIORIN, 2011, p.90). No entanto, como adverte o autor, tais níveis formam-se em um *continuum*, ou seja, do maior nível de abstração (tema) para a concretude (figura), não se constituindo, como se poderia pensar, em figuras estanques e completamente opostas.

[...] há dois tipos de texto: os figurativos e os temáticos. Os primeiros criam um efeito de realidade, pois constroem um simulacro da realidade, representando, dessa forma, o mundo; os segundos procuram explicar a realidade, classificam e ordem na realidade significante, estabelecendo relações e dependências. (FIORIN, 2011, p. 91)

Estudar a semântica discursiva é perceber os importantes efeitos de sentido que se constroem no discurso e que revelam pistas do enunciador e, de forma mais abrangente, do contexto social de onde aquela obra emana. Nesse sentido, cabe enfatizar ainda que:

Para uma análise de texto não interessam a figura ou o tema isolados. Para achar o tema que dá sentido às figuras ou o tema geral que unifica os temas disseminados num discurso temático, é preciso apreender os encadeamentos das figuras ou dos temas, ou seja, os precursores figurativos ou temáticos. [...] o nível dos temas e das figuras é o lugar privilegiado da manifestação da ideologia. (FIORIN, 2006, p. 106)

A partir dessa delimitação no foco dos recursos de figurativização e tematização, e cientes da limitação de espaço nesse texto, que restringe o aprofundamento da análise, apontamos pistas sobre como se produzem sentidos, no episódio em questão, de ser idosa nos dias de hoje. Assim, por meio da figurativização, analisamos como a isotopia figurativa contribui para a construção discursiva da velhice como momento de maior liberdade.

### **5. Folhas de Outono: tematização e figurativização**

Em razão da abordagem em torno do papel social da mulher de terceira idade após o fim do casamento e frente ao envelhecimento, *Folhas de Outono*, último dos quatro episódios exibidos na série<sup>12</sup>, será o foco de nossa análise, uma vez que esse problema se configura como um dos eixos da pesquisa de doutorado de uma das autoras deste artigo.

O título desse último remete diretamente ao sucesso *Autumn Leaves*, de Nat King Cole, que aparece interpretando a música na abertura do episódio, e integra a diegese, uma vez que as personagens se referem à canção durante a história. Para acompanhamento da análise, apresentamos a transcrição de alguns enunciados com a ilustração de imagens, seguidas das respectivas análises.

Trata-se da história de Francisca (Selma Egrei), personagem em torno dos 65 anos, com um casal de filhos adultos Neide (Silvia Lourenço) e Daniel (Eucir de Souza). Mulher muito pragmática e, às vezes irônica, característica que incomoda o filho. Após a morte do marido, ela subitamente se percebe livre. Enquanto os filhos choram, ela vai embora do cemitério com a amiga Mary (Anamaria Barreto) e, no carro, decide não ir para casa.

FRANCISCA: - Aliás, não vamos para casa não, quero comprar camisolas. Muitas. Transparentes. Leves. Sexy.

MARY: - Num sexy shop ou num shopping mesmo serve? [elas riem]

FRANCISCA: - Uma coisa tão besta. O Arlindo não me deixava dormir de camisola. Dizia que era coisa de mulher vulgar.

MARY: - E você dormia como? De pijama?

FRANCISCA: - Pijamão.

A cena se passa dentro do carro de Mary, os vidros abertos e o vento balançando os cabelos das duas mulheres remetem à liberdade, e às imagens de filmes do gênero *road movie*” que se prefiguram como viagens de autoconhecimento e, em certos casos, de

---

<sup>12</sup> Este episódio, apesar do desenvolvimento independente em relação aos anteriores, estabelece uma relação com eles na medida em que apresenta personagens coadjuvantes que aparecerem anteriormente. Enquanto Francisca sai do cemitério, vemos Roberto (Juca de Oliveira) e seu filho Luiz (Dan Stulbach), do episódio *O primeiro dia*, caminhando entre os jazigos. Também desse episódio, aparece o advogado Del Bello (Othon Bastos) na comemoração que acontece quando Francisca recebe os amigos e apresenta a namorada. Já na cena do baile, estão no palco os *Atravessadores do Samba*, título do episódio e do grupo formado por Oswaldo (Goulart de Andrade), Mateus (Wilson das Neves) e Amaro (Zé Maria), com a nova vocalista Celeste (Bibba Chuqui). Há ainda a referência ao assalto do banco, que é o tema do primeiro episódio, quando Francisca pergunta ao filho (Eucir de Souza): “Bateram na sua cabeça no assalto lá do banco?”.

libertação. As figuras “camisolas”; “leves”; “transparentes”; “não-casa” começam a construir um percurso figurativo da liberdade; em contraposição ao aprisionamento do casamento, figurativizados pelo “pijão”. Salienta-se ainda a oposição entre camisola (vulgar) x pijão (não vulgar) em que a camisola, vestimenta feminina, surge em oposição a pijama, peça vestuário que pode ser usada por homens e mulheres. Tematiza-se a não-feminilidade (imposição do marido) versus a feminilidade (característica e desejo de Francisca).

Na sequência, na trama, os dias vão passando em meio a lembranças, a tentativas de seguir em frente, mas também há tropeços, como acontece quando Francisca prepara a mesa para o marido – o jornal, os comprimidos, a torrada e o café ficam à espera de quem (não) virá. Ela se dá conta do lapso e chora. Ativando o espectador por traços de revestimento sensorial, “jornal”, “comprimidos”, “mesa”, “café” e “torrada” figurativizam a dedicação da viúva, por meio do cuidado dedicado ao marido (morto), representado na figura da cadeira vazia. A tematização da solidão ganha os contornos dos objetos diários que marcaram a intimidade do café matinal. Na cena seguinte, Francisca conversa com a amiga Mary sobre os 45 anos de casamento.

FRANCISCA: - Uma vida, hein?

MARY: - Será?

FRANCISCA: - Tá brincando né? O que sobrou?

MARY: - Para com isso, você tá bonita, cheia de saúde, cheia de camisola sexy. [...] Quantos foram bons?

FRANCISCA: - Ah... bom... nos últimos cinco eu fui enfermeira dele, né? Nos primeiros quinze anos eu fui babá e motorista das crianças.

MARY: - O Arlindo tirava o pijama pra transar?

FRANCISCA: - [ri]. Imagina...

MARY: - Não?

FRANCISCA: - Nem o meu nem o dele.

MARY: - Sem graça.

FRANCISCA: - Esses 25 anos que sobraram, né? Onde é que eu estava nesses 25 anos? Eu não sei...

Esse trecho é bastante indicativo do papel social conferido à mulher no casamento para essa geração que medeia os 65 anos na atualidade: cuidar do marido tornando-se “enfermeira” com a sua doença; ser “babá” e “motorista” dos filhos nos primeiros quinze anos do casamento. Analisando a história do amor no Brasil, Priore (2006) ressalta a situação de conformismo e servidão das mulheres aos maridos e filhos e seu confinamento ao ambiente doméstico principalmente até os anos 1960-70, pois o único local de satisfação pessoal era o lar. A moral tradicional – defendida pela sociedade, pela família e pela Igreja – estava intrinsecamente associada à repressão sexual das mulheres, cujo comportamento deveria ser sempre recatado e passivo. A palavra sexo não podia ser sequer pronunciada,

tamanho o empenho em valorizar a castidade e a pureza. Nesse sentido, em outra obra, a autora destaca como o sexo era tratado.

No casamento, a afinidade sexual era um fator menos importante no ideal de felicidade, mesmo porque a mulher não tinha nem deveria ter conhecimentos sobre a matéria. Casais iam para cama de camisola e pijama, e luz apagada. Revistas femininas ainda usavam eufemismos para tratar da questão: “ajustamento sexual para união feliz”. (PRIORE, 2013, p. 56)

Conforme destaca Priore (2013) em relação à geração de mulheres da qual Francisca faria parte, o sexo foi marcado por tabus, não se tirava a roupa, não havia espaço nem mesmo para certos tipos de camisolas consideradas vulgares. Recato, dedicação, doação são os temas que surgem na cena analisada, ao mesmo tempo que surge a constatação da negação de si mesma como mulher, como indivíduo. O cerne dessa questão está no enunciado no qual ela se pergunta onde estava nos 25 anos em que não fora enfermeira ou cuidara dos filhos.

Essa fala surge como um ponto de virada na vida de Francisca, a personagem começa a perceber que precisa refazer a vida e descobrir a si mesma. Francisca sente o controle do filho, que reclama com a irmã que a mãe passa o “dia fora e chega com bafo de álcool”, reclamando que “o momento é de luto e não de farra”. A filha tenta contemporizar afirmando que a mãe precisa distrair-se: “A mamãe tá de luto sim. Mas ela não precisa ficar em casa chorando”. A resposta do filho é direta: “Pois deveria. Deveria.” Constrói-se por meio do discurso do filho a expectativa do papel social feminino, segundo o qual a mulher “deveria” estar em casa, chorando a dor da perda do falecido esposo. O estranhamento do filho em relação à constatação da irmã de que a mãe está bem evidencia a violência simbólica conforme discute Bourdieu (2010), calcada na dicotomia entre a superioridade masculina e a inferioridade feminina, cuja identidade é ancorada na dependência da mulher em relação ao homem.

As divisões constitutivas da ordem social e, mais precisamente, as relações sociais de dominação e de exploração que estão instituídas entre os gêneros se inscrevem, assim, progressivamente, em duas classes de *habitus* diferentes [...], que levam a classificar todas as coisas do mundo e todas as práticas segundo distinções redutíveis à oposição entre o masculino e o feminino. (BOURDIEU, 2010, p.41)

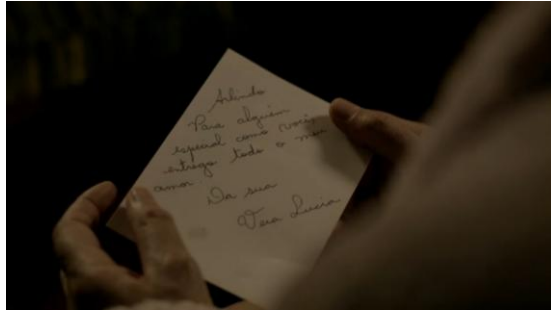
Vivendo o luto à sua maneira, Francisca oscila entre o gozo da liberdade recém-conquistada e a opressão das obrigações familiares e domésticas, das quais tenta se desvencilhar conversando com a filha ao telefone.

FRANCISCA: Eu sei que sábado era o nosso dia, do nosso almoço de família, mas não vai dar. Eu não tô com nenhuma vontade de ir pra cozinha. E aí prepara o almoço, e aí serve a mesa. E a gente acaba falando do Arlindo, eu sei que eu vou acabar chorando... Eu não que...

[interrompida]. Tá, tá, tá bom, então vamo fazer uma coisa... Tá, chega. Tá bom. Eu vou fazer. Pelo chato do seu irmão, eu vou fazer o almoço. Tá bom, minha filha?

A figurativização aqui compõe o clima familiar marcado pela coletividade: “nosso dia”, “nosso almoço de família”, “a gente acaba falando do Arlindo”. No entanto, percebe-se que embora as atividades prazerosas sejam vividas em conjunto pelo grupo familiar, as obrigações cabem somente a ela: “E aí prepara o almoço”; “e aí serve a mesa”. Nessa construção discursiva, observamos uma disjunção entre os sujeitos enunciativos que marcam a ação construída na terceira pessoa por meio do mecanismo de debreagem, que “consiste, pois, num primeiro momento, em disjuntar do sujeito, do espaço e do tempo da enunciação e em projetar no enunciado um não-eu, um não-aqui e um não-agora”. (FIORIN, 1996, p.43) No trecho, há a debreagem enunciativa por meio da exclusão do “eu” do ato da enunciação por parte da Francisca, o que gera um efeito de sentido de objetividade, que é indicativo tanto da tentativa de fugir das tarefas, com as quais ela não se identifica e não deseja, quanto pode sugerir que não deseja entrar em contato com a tristeza e a dor provenientes das lembranças desses momentos em família. Essa última hipótese parece se confirmar pela conclusão dela ao enunciar: “eu sei que eu vou acabar chorando...”. Em virtude desse peso, justifica-se e insiste com a filha que “não vai dar”; “Eu não tô com nenhuma vontade de ir pra cozinha”. O prazer de ter os filhos à mesa junto com ela não é recompensa suficiente para as tarefas domésticas – às quais sempre se submeteu – naquele momento. Devido à insistência da filha, acaba aceitando a fazer o almoço, ainda que a contragosto. Ou seja, após libertar-se da presença física do marido, agora ela se vê diante de um novo “homem” que se julga no direito de controlar seu destino. Nem mesmo depois de viúva ela é dona do seu tempo e de suas ações. Também, no fragmento analisado, vemos novamente a questão da desvalorização do trabalho doméstico feminino, pois a “Unidade doméstica é um dos lugares em que a dominação masculina se manifesta de maneira mais indiscutível” (BOURDIEU, 2010, p.138). Mais uma vez, os temas da doação à família e obrigação das tarefas se sobrepõem à liberdade por ela desejada.

Após a conversa com a filha ao telefone, ela começa a separar objetos do falecido quando encontra, dentro de livros, provas de que o marido a traía – cartas e uma foto com dedicatória – com Vera Lúcia (Clarisse Abujamra), amiga do casal. Atuação impecável de Selma Egrei deixa evidentes os temas do desapontamento e da frustração.



**Figura 1.** A prova da traição



**Figura 2.** A decepção de Francisca

Sentindo-se desapontada com comprovação do relacionamento extraconjugal do marido, Francisca aceita o convite da vizinha Maria Helena (Joana Fomm) para ir a um baile, onde dança, diverte-se e volta cansada. O baile funciona como um divisor de águas, a mulher que se dedicou ao marido e de quem a sociedade (na figura do filho) espera o recolhimento ao lar, vai a um baile, diverte-se e parece se dar conta de que ainda há vida para ser vivida. Aos poucos, as duas vão se aproximando e nasce um romance entre elas.



**Figura 3.** Animação no baile



**Figura 4.** Francisca revela que está amando

Na construção narrativa, é interessante perceber que até o momento da descoberta da traição, a trajetória de Francisca vai sendo pautada pelas lembranças do marido e pela constatação de perda do seu papel de esposa, ao mesmo tempo em que tenta libertar-se das recentes imposições e controles do filho. Essas lembranças ganham novas narrativas e se apresentam como pontos de revisão (BRUNER, 1997), uma vez que denotam:

[...] capacidade de visualizar alternativas e conceber outros modos de ser, de agir, engajar-se. Assim, embora possa ser verdade que em certo sentido nós sejamos “criaturas da história”, em outro sentido, nós somos também agentes autônomos. [...] E o si-mesmo, usando suas capacidades para a reflexão e para projetar alternativas, evita, adota, ou reavalia o que a cultura tem a oferecer. (BRUNER, 1997, p. 96)

A partir desse momento, é como se uma nova vida começasse para ela, o que é enunciado, de forma poética, numa das últimas cenas do episódio: “Nesses últimos 45 anos, a vida me escapou pelos dedos e pelos medos. E eu não tenho mais tempo para ser covarde diante da possibilidade de ser feliz. Nós não temos, né minha gente? A gente precisa

correr”. O tema da liberdade e da autorrealização ganha corpo aqui, sobrepujando a antiga opressão e doação completa à família, enfim, a negação de si-mesma.

A linguagem condensa, cristaliza e reflete as práticas sociais, ou seja, é governada por formações ideológicas. Ao mesmo tempo, porém, em que é determinada é determinante, pois ela “cria” uma visão de mundo na medida em que impõe ao indivíduo uma certa maneira de ver a realidade, constituindo sua consciência. (FIORIN, 2007, p.54)

Nesse cenário, para os idosos, a felicidade e o gozo da liberdade são urgentes, inadiáveis. A frase “só é feio quem quer” também pode ser ampliada para “só é velho quem quer”, não somente considerando a questão estética – que o mercado de cirurgias plásticas, fitness não cansa de incentivar – mas também, e principalmente, a questão psicológica: não ser velho seria atributo de quem é ativo, viaja, busca os sonhos e a felicidade. O que se assemelha bastante à dinâmica do jovem. Chega-se, assim, ao paradoxo de que ser velho hoje é ser jovem.

### **Considerações**

No episódio analisado, percebemos, portanto, a construção de um percurso figurativo em que se debatem pontos antagônicos nos discursos da mulher e sobre a mulher. A ideia do papel social feminino de dedicação ao lar, ao marido e aos filhos emana por meio das figuras que desvelam não apenas o papel da mulher dentro de casa como também seu papel social. Nesse contexto, o percurso figurativo inclui os termos: “não-vulgar”, “camisola”, “pijama”, “jornal”, “comprimidos”, “mesa”, “café”, “torrada”, “enfermeira”, “babá”, “motorista”, “almoço de família”, “serve a mesa”, que contribuem para a coerência semântica do discurso e a isotopia figurativa, que “caracteriza-se pela redundância de traços figurativos, pela associação de figuras aparentadas. A recorrência de figuras atribui ao discurso uma imagem organizada e completa da realidade” (BARROS, 2011, p.74). Essa isotopia parece justificar a busca pela mudança, que surge com as figuras apresentadas no início – “camisoladas”; “leves”; “transparentes”; “não-casa” – e vão crescendo à medida que o novo namoro de Francisca com sua vizinha ganha importância, a ponto de ela revelar para a família e amigos, dizendo que “a vida [...] escapou pelos dedos e pelos medos” e que é “preciso correr” para ser feliz. Esse texto, prenhe de significados, revela-nos que, no nível fundamental, a liberdade é eufórica, e a opressão/submissão, disfórica.

Quanto à tematização, observamos que o percurso temático pode ser comparado a um pêndulo que oscila entre a doação à família/casa/tarefas de mãe e a liberdade recém-conquistada, embora em alguns momentos emane também a solidão. No entanto, prepondera a busca de autorrealização como grande tema dominante, em que fica evidente a

urgência da felicidade e da autodescoberta. Esse reforço dos temas produz a isotopia temática, contribuindo para a força da significação nessa produção teleficcional que aborda as transformações por que passam a mulher, o feminino e a intimidade nos tempos atuais.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, D. L. P de. **Teoria semiótica do texto**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2011.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BRUNER, J. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- CASTRO, G. G. da S. “O envelhecimento na retórica do consumo: publicidade e idadismo no Brasil e Reino Unido”. In: Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), 24., 2015, Brasília. **Anais...** Brasília: Universidade de Brasília, 2015.
- DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2012.
- FIORIN, J. L. **As astúcias da enunciação**. São Paulo: Ática, 1996.
- FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- FREIRE FILHO, J. (org.). **Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: UNESP, 1993.
- GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- HERNÁNDEZ GARCÍA, Y. Acerca del género como categoría analítica. **Nómadas**, Madrid, España, n. 13, enero-junio, 2006.
- IBGE. **Síntese de Indicadores Sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira**. Estudos e Pesquisas, n. 34, 2014. Disponível em: <[ftp://ftp.ibge.gov.br/Indicadores\\_Sociais/Sintese\\_de\\_Indicadores\\_Sociais\\_2014/SIS\\_2014.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Indicadores_Sociais/Sintese_de_Indicadores_Sociais_2014/SIS_2014.pdf)>. Acesso em: 05 mai. 2015.
- LOPES, M. I. V. de. Telenovela como recurso comunicativo. **MATRIZES**, v. 3, n. 1, ago./dez. 2009. p. 21-47.
- MOREIRA, M. M. O envelhecimento da população brasileira: intensidade, feminização e dependência. **Revista Brasileira de Estudos de População**. Brasília, v.15, n.1, p.79-94, 1998.
- PRIORE, M. DEL **História do amor no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- PRIORE, M. DEL **Histórias e conversas de mulher**. São Paulo: Planeta, 2013.
- SCOTT, J. “Gênero: uma categoria útil para análise histórica”. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.
- SANTOS, P. 'Último episódio tem reviravolta chocante, diz Quico Meirelles sobre Os Experientes. **Gshow**. Online. 01/05/2015. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/programas/os-experientes/Extras/noticia/2015/05/ultimo-episodio-tem-reviravolta-chocante-diz-quico-meirelles-sobre-os-experientes.html>>. Acesso em: 05 mai. 2015.